Uma contribuição à história da Análise Institucional no Brasil através de depoimentos orais: o Setor de Psicologia Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) nas décadas de 1960 e 1970

The use of Oral History as a contribution to the history of Institutional Analysis in Brazil: the “Setor de Psicologia Social” from “Universidade Federal de Minas Gerais” (UFMG) in the sixties and the seventies

Aline de Araújo Gonçalves da Cunha; Lívia Borges Hoffmann Dorna; Heliana de Barros Conde Rodrigues

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

RESUMO:

As pesquisas sobre a história das práticas *psi* no Brasil, quando fazem menção à Análise Institucional (AI), primam por incorporar a trajetória desse paradigma ao processo de difusão da psicanálise. O presente trabalho é parte de uma investigação dedicada a elaborar uma história diferente. Com tal intuito, privilegiamos o estudo de momentos e núcleos organizacionais em que hipotetizamos ter a AI produzido efeitos diferenciais na formação e modos de intervenção dos agentes. Dentre esses núcleos, destaca-se o Setor de Psicologia Social da UFMG, que, desde os anos 1960, incorporou a AI francesa como um de seus referenciais, e recebeu, em 1972, a visita de Georges Lapassade, um dos criadores do paradigma. Tomando a visita de Lapassade como analisador, buscamos uma apreensão analítico-crítica do funcionamento do Setor. Para tanto, além de apelar à tradicional documentação escrita, colhemos histórias orais de vida de seus antigos participantes.

Palavras-chave: História Oral; Análise Institucional; Setor de Psicologia Social

ABSTRACT:

The studies about *psy* practices in Brazil, whenever they refer to Institutional Analysis (IA), usually attach this paradigm's trajectory to the process of diffusion of Psychoanalysis. This paper is part of an investigation that aims at telling a different story. We focus on the study of the moments and organizations on which we suppose the IA has affected the agent's formation and intervention means. The “Setor de Psicologia Social” from UFMG stands out from those organizations. Since the 60's, it has incorporated the French IA as one of its references. Moreover, in 1972, it also hosted Georges Lapassade, one of the creators of the paradigm. Looking at this visit, we intent to analyse the way the Setor works/functions. In order to do that, besides referring to the traditional documentation on the subject, we also used the methodology of Oral History, interviewing old members.

Key words: Institutional Analysis; Oral History; “Setor de Psicologia Social”

Por uma história efetiva

A Análise Institucional (AI) ainda não foi objeto, no Brasil, de uma historicização efetiva. Conquanto existam excelentes trabalhos históricos sobre as práticas grupais e as organizações de formação/assistência em saúde mental, nos quais a AI ganha razoável destaque, ela neles aparece, quase invariavelmente, na qualidade de uma das variantes da difusão da Psicanálise. Como consequência, constata-se um apagamento apriorístico de qualquer singularidade (teórica e/ou política) que a Análise Institucional possa eventualmente apresentar como conjunto de saberes e práticas.

Este modo hegemônico de historicizar deve ser entendido...historicamente! Em nosso país, o paradigma institucionalista se fez notadamente presente a partir da segunda metade da década de 1970 – o chamado período de redemocratização –, comportando nuances francesas e argentinas. Embora a emergência da AI tenha ocorrido na França (anos 1960) em contextos predominantemente psicossociológicos e/ou sociológicos¹, alguns psicanalistas argentinos muito cedo entraram em contato com as idéias de Lourau, Lapassade, Deleuze e Guattari, e passaram a utilizá-las como ferramentas com vistas à transformação, de cunho libertário, dos campos da saúde mental, educação, formação etc. de seu país, até que o golpe militar de 1976 os forçasse ao exílio. O Brasil foi o destino de alguns desses psicanalistas exilados, o que, sem dúvida, imprimiu ‘marcas argentinas’ em nossa AI. Esta circunstância – apenas uma, em meio a uma dispersão de ocorrências – freqüentemente redundou, por parte dos historiadores das práticas *psi*, em uma referência monolítica aos “psicanalistas argentinos” como os veiculadores – psicanalíticos? – da Análise Institucional em nosso país². Tal perspectiva dificultou uma historicização efetiva da trajetória brasileira do paradigma, que, por sinal, apresenta-se muito mais marcada pelo hibridismo, pela heterogênese e pela polifonia do que pelo pertencimento exclusivo a qualquer sistema totalizante. Neste sentido, talvez fosse mesmo preferível falar, no que tange ao Brasil, em história do *grupalismo-institucionalismo* – termo composto mais apto a sintetizar a mescla de perspectivas francesas, argentinas e “nativas” característica de nosso processo histórico de emergência e expansão da AI (BARROS e RODRIGUES, 2003).

Nesta linha de reflexão, o presente artigo é resultado parcial de uma pesquisa dedicada a elaborar uma história da Análise Institucional no Brasil que se contraponha à sua diluição apriorística na Psicanálise. Melhor dizendo, a pesquisa visa à reinvenção da trajetória do paradigma do grupalismo-institucionalismo em nosso país. Para tanto, privilegia-se o estudo de momentos e núcleos organizacionais em que tal paradigma teria produzido efeitos diferenciais na formação e nos modos de intervenção dos agentes.

Priorizamos, aqui, o estudo do Setor de Psicologia Social da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), primeiro núcleo organizacional em que a Análise Institucional ganhou corpo no Brasil: desde o final dos anos 1960, “o Setor” – alcunha pela qual ficou conhecido – incorporou a AI francesa como um de seus referenciais, tendo recebido, em 1972, a visita de Georges Lapassade, um dos criadores desse paradigma. Visita “intempestiva”, por sinal, para os tempos ditatoriais, visto que a AI francesa constitui pensamento/prática tendente ao marxismo libertário e/ou ao anarquismo, e Lapassade fora, além do mais, ativo militante do movimento de maio de 68, enfatizando, à época da estada no Brasil, temas como o anti-colonialismo, a afirmação da homossexualidade e a denúncia do racismo.

A visita de Lapassade é abordada, em nossa pesquisa, como um *analizador* – conceito que denota acontecimentos condensadores de forças socio-políticas até então dispersas, facultando, em consequência, a reconstituição analítica de situações ou momentos. Recorremos à História Oral para nos auxiliar nessa

¹ Cumpre assinalar, a bem da precisão, que as teorizações e ações de Felix Guattari estiveram ligadas também aos campos psiquiátrico e psicanalítico.

² Uma crítica da denominação “psicanalistas argentinos” aplicada, sem diferenciações, a todos os analistas do país vizinho que vieram ao Brasil durante os anos 1970 pode ser vista em DUARTE, FERNANDES e RODRIGUES, 2001.

empreitada, pois a consideramos um procedimento promissor com vistas à revisão de certas asserções tomadas por óbvias – como a que faz da AI um mero “braço” da Psicanálise. Pretendemos, portanto, promover uma “perturbação” das perspectivas historiográficas demasiado coerentes, globalistas e, conseqüentemente, acríicas (porque pouco reflexivas quanto a seus próprios limites) no que tange à história das práticas *psi* no Brasil.

Porém, conforme afirmamos, temos por foco a reinvenção da história da AI. Recorremos, com tal intuito, não só à documentação escrita privilegiada pela historiografia tradicional (relatórios, atas, livros, notícias na imprensa, anais de eventos, revistas acadêmicas), como à memória dos agentes. No caso do Setor, colhemos *histórias orais de vida* de seus antigos participantes, pois vemos nesta forma de método biográfico um procedimento capaz de sugerir a multiplicidade de sistemas normativos presentes em qualquer momento histórico, evitando, conseqüentemente, narrativas oniscientes, totalizantes, que sobrevalorizam as estratégias globais e subestimam as táticas cotidianas (LÉVI, 1996; CERTEAU, 1994).

A História Oral está presente em nosso projeto não como procedimento para preencher as eventuais lacunas das fontes escritas, mas como abertura da possibilidade de lançar um olhar crítico sobre tais fontes (THOMPSON, 1992). Cumpre advertir, todavia, que tampouco consideramos os relatos orais como informações invariavelmente precisas sobre ‘o que realmente aconteceu’. Procuramos, sim, fazer com que fontes escritas e orais se interpelem mutuamente, desconstruindo tanto os monopólios de fidedignidade associados às primeiras quanto a veracidade espontânea eventualmente atribuída às últimas. Neste sentido, um pequeno acontecimento narrado torna-se valioso indicador do virtualmente presente, por mais que até então desconsiderado pelos historiadores; ao mesmo tempo, qualquer relato oral pode (e deve) ser correlacionado à massa discursiva constituída pelos registros escritos (THOMSON, FRISCH e HAMILTON, 1996).

Estes dois aspectos nos fazem especialmente atentos à necessidade de efetuar, quanto à narrativa histórica resultante de nossa investigação, um trabalho conceitual e ético-estético. Deparamo-nos, conceitualmente, com o problema da historicidade da memória: se é evidente que jamais lidamos com uma memória bruta, e sim com uma *memória prima* (condicionada pela massa discursiva, inclusive historiográfica, preexistente), há também, decerto, uma história singular gerada a partir da memória enquanto experiência intempestiva, resistencial, linha de fuga ao instituído (DE DECCA, 1999; RODRIGUES, 2002). Por outro lado, no plano ético-estético, vibra uma irrecusável singularidade nas narrativas dos depoentes: eles tanto nos contam histórias aspirantes à verdade factual quanto boas (ou belas) histórias, cujos respectivos estatutos devem ser reconhecidos e preservados em nossa própria narrativa (PORTELLI, 1997; RODRIGUES, 2005).

Quem conta um ponto....

Entre nossos entrevistados estão o ex-coordenador do Setor – Celio Garcia –, ex-professores e alunos – Marília Mata Machado, “Chico” e “Gil”, Esther Arantes, Eduardo Mourão Vasconcelos, Marcos Vieira-Silva, Regina Helena de Freitas Campos, Elizabeth Bomfim –, além de pessoas que, mesmo não tendo participado diretamente do Setor, tiveram suas vidas a ele ligadas – por exemplo, Anna Paula Uziel e Martha Cristina Moreira, psicólogas do Rio de Janeiro que trabalharam com Romualdo Dâmaso, ex-membro do Setor, quando

este residiu no Rio de Janeiro³. O presente artigo não pretende explorar todos os depoimentos até agora colhidos, representando somente uma experimentação dos efeitos promovidos pela interpelação mútua entre a voz e a letra.

Através dos relatos orais, podemos entrar em contato com um pouco da intimidade, do cotidiano, de um Setor que é vagamente referido – de forma quase hagiográfica –, em escritos e falas oficiais, como “pioneiro” no campo da Psicologia Social. Em grande parte das entrevistas realizadas, emerge a figura de um Setor onde vigora um clima de amizade, permitindo a seus integrantes “misturar vida pessoal e profissional” e “investir afetos” – para usar as palavras de Marília Mata Machado, uma das depoentes da pesquisa⁴.

Vislumbra-se igualmente um Setor onde existia considerável liberdade de ação, ancorado em dispositivos cotidianos voltados à construção da autonomia. Em um período de intensa repressão estatal, constituía um dos raros espaços acadêmicos onde se podia encontrar abertura à ação coletiva e ao pensamento crítico – aspecto, por sinal, destacado em *Les chevaux du diable (Os cavalos do diabo)*, diário que Georges Lapassade publicou a respeito de sua estada no Brasil:

Asilo e lugar de sobrevivência para jovens professores contestatários e marginais (...), ele [Célio] teria criado ali um clima de liberdade que não existia em nenhum outro lugar da instituição universitária (...) lugar de contestação permanente, baseada na dinâmica de grupo, no não-diretívismo e na crítica do mandarinato tradicional (LAPASSADE, 1974: 52-53).

O funcionamento do Setor, reunindo alunos e professores, apoiava-se em seminários sobre temas então raríssimos na formação *psi* (ou, melhor dizendo, dela expulsos): mudança social, alfabetização de adultos, saúde pública, antipsiquiatria, psicossociologia francesa, análise de conteúdo, análise de discurso, perspectivas comunitárias, reflexões sobre Psicologia e Poder. Esses seminários promoviam formação profissional e preparação para o magistério universitário, e os estudantes muito rapidamente assumiam responsabilidades nos campos do ensino, da pesquisa e da extensão. A um emergente ‘mercado externo’⁵, o Setor oferecia treinamento em dinâmica de grupo e comunidade terapêutica, intervenções psicossociológicas, levantamentos socioeconômicos, pesquisas de opinião e de atitudes, sempre preocupado em produzir uma psicologia social comprometida com as necessidades da população, especialmente com as classes populares. E é justamente a partir das intervenções realizadas junto a diferentes movimentos e grupos que a Psicologia Social do Setor vai sendo construída.

³ Nas entrevistas e bibliografia consultada (BOMFIM, 2003; 2004; MATA MACHADO, 1986a; 1997; 2001) emergem inúmeros outros nomes que contribuíram para o funcionamento do Setor e a expansão do trabalho lá realizado, sendo possível citar, sem pretensão de exaustividade, Cornelis van Stralen, Júlio Mourão, Antonio Augusto P. Prates, Sonia Fleury, Maria Emília Torres Lima, Leila Mariné da Cunha, José Newton Garcia de Araújo, Edna Roland etc.

⁴ Entrevista com Marília Mata Machado, 1999 (gravação disponível no Acervo Oral do Programa Clio-Psyché - UERJ)

⁵ Entre os ‘clientes’ do Setor estavam empresas, escolas, congregações religiosas, bancos, penitenciárias, organizações de saúde e de saúde mental.

Através de um programa de cooperação com o Serviço Cultural da Embaixada da França⁶, o Setor recebia, em missão cultural, professores franceses que ofereciam cursos, seminários, treinamentos; ao mesmo tempo, enviava alguns de seus integrantes para realizar estudos na França. Entre os professores franceses que vieram ao Brasil, à época, destacam-se Max Pagès, André Lévy, Georges Lapassade, Pierre Fédida e Michel Foucault.

Quando da visita de Lapassade (1972), integrantes do Setor vinham participando da implantação da reforma universitária em algumas unidades da UFMG, embora de forma reticente – afinal, tal reforma fora imposta pelo regime militar. Os contatos com o analista institucional francês acabaram com as hesitações remanescentes, pois, segundo a avaliação de Lapassade, embora decretada autoritariamente, aspectos democratizantes (como a extinção da cátedra, por exemplo) estavam presentes na reforma. Além disso, uma ativa participação no processo poderia facultar, mais uma vez conforme Lapassade, a emergência de *acontecimentos analisadores*, aptos a desencadear um processo de Análise Institucional da Universidade.

Se o efeito acima mencionado faz supor, à primeira vista, um apaziguamento de tensões, a presença do analista institucional francês, segundo os relatos orais, também desconstrói a suposta harmonia do Setor, tornando visível a presença de inúmeros impasses no grupo: contradições ligadas aos exercícios de poder; silêncios relativos à sexualidade; eruditas invalidações de saberes e/ou manifestações populares. Lapassade vem a convite do Setor, mas decerto o convite (ao menos o oficial) não se destina ao exame de tais questões; afinal, por aqui, os tempos são de clandestinidade e dupla vida – quase sinônimo de tortura ou morte para os militantes dos grupos de esquerda⁷ e, freqüentemente, de asfixiante refúgio no gueto para as sexualidades ditas “minoritárias”⁸.

Na verdade, o convidado primeiro havia sido René Lourau, que, não podendo vir ao Brasil – por razões até hoje pouco claras –, indicou o companheiro para substituí-lo. Nos relatos orais, Lapassade aparece como uma pessoa muito indiscreta e “sabidamente aprontadora”, ao passo que Lourau seria alguém “muito mais contido”. Aliás, nos termos do próprio Lourau, em escrito datado dos anos 1990, Lapassade era quase invariavelmente visto como alguém capaz de “criar conflitos entre pessoas que até então se amavam ternamente” (LOURAU, 1992:2).

Encontramos, nos depoimentos, uma série de adjetivos curiosos para definir Lapassade: “um furacão”, “insistente”, “teimoso”, “inconveniente”, “chato”, “interessante”, “espaçoso”, “rico”. Também se reconhece nele alguém que experimentou conviver com vários aspectos da cultura brasileira e se interessou pela nossa condição de uma forma bem particular. Segundo Célio Garcia, Lapassade foi ver coisas que outros professores franceses nunca se interessaram em ver, pois “queria de tudo, queria experimentar”⁹.

⁶ Esse Programa beneficiou os departamentos de Psicologia e Filosofia de 1967 a 1975.

⁷ Em 1972, as organizações de esquerda já estão praticamente dizimadas, embora se deva lembrar que, em abril desse mesmo ano, tem início a Guerrilha do Araguaia.

⁸ Embora não se possa dizê-los inexistentes, os movimentos homo só ocuparão mais efetivamente a cena pública a partir do final da década de 1970.

⁹ Entrevista com Célio Garcia, 1999 (gravação disponível no Acervo Oral do Programa Clío-Psyché - UERJ).

Porém o estilo polêmico do analista institucional francês marca os relatos dos integrantes do Setor: Lapassade rapidamente conquistou alguns e incomodou outros; foi uma presença controvertida, que abalou o Setor de forma inesperada. Célio Garcia assim nos fala a esse respeito: “Logo que ele chegou as coisas foram tomando um significado político que só mesmo o dia-a-dia pode revelar, mas nada disso foi previsto nem montado de antemão. (...) Foi uma experiência que pouco a pouco foi assumindo esse caráter. Fugiu um pouco do meu controle, de quem estava organizando a vinda e o programa. Como qualquer situação política, ela transborda, ela começa a envolver outros aspectos”. E Célio prossegue, expondo suas preocupações com a presença de Lapassade no momento político então vivido: “Só que, na França, fazer isso era uma coisa, e agir em 72 da mesma forma aqui no Brasil era outra. Ele era francês, não iria acontecer nada com ele. Ele iria ser devolvido à França, só isso. E os colegas brasileiros que estavam aqui teriam outras conseqüências”¹⁰.

Lapassade provoca os membros do Setor – e não seria justamente isso, provocar, o que teria a fazer um analista institucional? –, acusando-os de auto-repressores, ou melhor, de se utilizarem da ameaça da vigilância estatal para legitimar sua própria resistência à mudança. Em entrevista, Marília Mata Machado nos diz que alguns integrantes do grupo queriam “fazer barulho, e viam na Análise Institucional realmente a forma, mas tinha gente com medo, tinha gente com precaução”¹¹. Já Regina Helena de Freitas Campos assevera que era preciso “ter muito cuidado ao falar certas coisas” naquele momento, quando a Universidade toda “estava muito quieta por causa da ditadura”¹².

Ao analisar as relações entre os membros do Setor, Lapassade aponta para a existência de hierarquias pouco visíveis na organização não estruturada (ou estrutura permissiva) pela qual o grupo se definia. Segundo o que ele próprio registra em *Les chevaux du diable*, começava-se a dizer que Célio Garcia (acompanhado de uma parte do Setor) representaria a “linha branca” da Análise Institucional, enquanto Lapassade (junto a um emergente contra-setor) representaria a “linha negra” (LAPASSADE, 1974: 56). Os “brancos” eram aqueles que iam em intercâmbio para a França, tomavam as decisões burocráticas e relativas às finanças, defendiam as hierarquias e mostravam-se preocupados com a carreira universitária; os “negros” eram os contestadores (em termos de idéias e/ou de libido), que lutavam pela autogestão dentro e fora da universidade.

Surgem aqui algumas expressões que podem parecer estranhas, e até mesmo fora do lugar, em um texto que deveria falar sobre história da psicologia: “cavalos do diabo”, “linha branca”, “linha negra”. Mas essa mudança de linguagem não deve espantar: Lapassade refere-se sempre aos contrastes entre Umbanda e Quimbanda, Oxalá e Exu, magia branca e magia negra, pois julga que para pensar os movimentos contraculturais no Brasil devemos estar atentos exatamente a isso, e não – como se esperaria de um professor universitário francês – às obras eruditas de vanguarda.

¹⁰ Entrevista com Célio Garcia, 1999 (gravação disponível no Acervo Oral do Programa Clio-Psyché - UERJ).

¹¹ Entrevista com Marília Mata Machado, 1999 (gravação disponível no Acervo Oral do Programa Clio-Psyché - UERJ).

¹² Entrevista com Regina Helena de Freitas Campos, 2005 (gravação disponível no Acervo Oral do Programa Clio-Psyché - UERJ).

Nos meses de julho e agosto de 1972, Lapassade participa das seguintes atividades: uma semana de seminário de Análise Institucional fora da universidade; um mês de encontros com o Setor na UFMG; intervenção na FUMG (Fundação Universitária de Minas Gerais); participação, acompanhado de alguns professores do Setor, do Primeiro Encontro da Sociedade Brasileira de Psicoterapia, Dinâmica de Grupo e Psicodrama; breve intervenção na Escola de Comunicação da Universidade Católica; trabalho psicossociológico com o Diretório Acadêmico da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas; intervenção no Instituto de Ciências Biológicas da UFMG; sessões psicodramáticas com grupos de estudantes de psicologia; apresentação, ao reitor da UFMG, de um projeto de Análise Institucional da Universidade, elaborado em parceria com Célio Garcia – apesar de as relações entre ambos já se mostrarem, então, bastante abaladas¹³. É a recusa desse projeto que põe fim ao período oficial da visita.

Considerando-se em férias, Lapassade decide sair de Belo Horizonte e ir para o Rio de Janeiro, onde fica hospedado em um convento, situado em Santa Teresa. Alguns alunos da UFMG – Gil, Gerval e Chico, que Lapassade apelida “clã da noite”, pois o acompanham também na vida extra-acadêmica – resolvem ir a seu encontro. No Rio, a proposta lapassadeana de apreender os ritos afro como contracultura atrai atenções: se, por um lado, contagia um marxista althusseriano como Marco Aurélio Luz¹⁴ – então professor da Escola de Comunicação da UFRJ, com quem Lapassade escreve *O Segredo da Macumba* –, produz rejeição em quase todos os outros setores da intelectualidade. Mas, apesar dessa rejeição (ou seria mesmo por causa dela?), Lapassade continua associando o contracultural à quimbanda, à negritude e à homossexualidade até deixar o Brasil, em meados de outubro.

Ressonâncias autogestionárias

Em Belo Horizonte, a Análise Institucional não desapareceu do cenário, evidentemente, com a partida de Lapassade. No Setor, as ferramentas institucionalistas continuaram a alimentar o cotidiano acadêmico (aulas e pesquisas) e profissional (intervenção a pedido). Porém será no ano de 1974 que o projeto autogestionário, tão enfatizado pela AI, encontrará circunstâncias propícias a um exercício radicalizado.

Mencionamos anteriormente a implantação da reforma universitária na UFMG. No bojo da mesma, dois anos após a partida de Lapassade, chega a vez da adequação do curso de Psicologia às novas normas. Nesse contexto, informados de que o currículo do curso deveria mudar e que a reformulação do mesmo estava sendo elaborada em gabinetes, sem a possibilidade de debate e análise coletivos, alguns estudantes, membros do Centro de Estudos da Psicologia, organizaram uma assembléia para informar aos demais o que estava ocorrendo. Apoiados pelo Setor de Psicologia Social e alguns poucos professores de outros núcleos da universidade,

¹³ Detalhes sobre as relações entre Georges Lapassade e Célio Garcia podem ser vistos em GARCIA et al., 1973.

¹⁴ Juntamente com Carlos Henrique Escobar, Eginardo Pires, Alberto Coelho de Souza e Cabral Bezerra Filho, Marco Aurélio Luz dedicou-se, durante as décadas de 1960 e 1970, à análise e difusão do marxismo althusseriano, principalmente através de publicações na revista *Tempo Brasileiro*. Cada vez mais próximo dos cultos afro-brasileiros, tornou-se Oju Oba Ati Elebogi, além de ativo participante da SECNEB (Sociedade de Estudos da Cultura Negra no Brasil).

tomaram o pátio do “coleginho” – antigo Colégio de Aplicação, onde se localizavam, à época, a FAFICH (Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas) e o Curso de Psicologia – como palco para o movimento.

Eduardo Mourão Vasconcelos, que então fazia parte do Centro de Estudos da Psicologia, nos fala sobre essa experiência: “A gente tomou aquele ‘coleginho’, e assim todo dia a gente passava nos corredores, e o pátio era o pátio nosso, da assembléia. Um negócio muito interessante, um processo de autogestão baseado numa assembléia diária, e com boletins... De noite a gente produzia o boletim, que dava a notícia...e distribuíamos, e chamávamos para assembléia, e para os grupos de trabalho”¹⁵.

Iniciou-se, portanto, um processo de assembléia permanente. Recusando propostas fundadas na hierarquia, que prescindiam da participação e análise coletivas, alunos e professores envolvidos decidiram montar grupos de trabalhos para elaborar o novo currículo do curso de Psicologia da UFMG. Buscaram o auxílio de professores da Educação para pensar uma estrutura que favorecesse um desenvolvimento flexível e, estudando o currículo mínimo, chegaram a uma proposta que reduzia ao máximo as disciplinas obrigatórias e incrementava sobremaneira o rol de disciplinas optativas. A montagem do novo currículo ultrapassou em muito a habitual discussão de conteúdos específicos das disciplinas *psi*, implicando reflexões de cunho filosófico, social, político e didático-pedagógico. Do currículo resultante, para o qual os integrantes do Setor contribuíram intensamente, constavam disciplinas como Intervenção Psicossociológica, Psicologia Comunitária e Ecologia Humana¹⁶, Análise de Discurso, Psicologia da Mulher, Psicolinguística, Psicanálise e Linguagem, Economia Política etc., então totalmente ausentes da formação de psicólogos no restante do país.

Porém a discussão sobre o conteúdo do curso não se encerrou com a elaboração do currículo. Assumindo um papel ativo, permanentemente envolvidos com a própria formação, os estudantes continuaram acompanhando o cotidiano da implantação: a cada semestre, realizava-se um levantamento da demanda e se estabelecia um mapeamento das disciplinas a serem oferecidas no período subsequente, que era discutido por alunos e professores. Experimentava-se, com isso, uma formação crítica, uma formação política, fundada no trabalho coletivo e na interdisciplinaridade, que apresentava nítidos nexos com as propostas da Análise Institucional.

A participação nesse processo permitiu que alunos recém-chegados à universidade trabalhassem em conjunto com colegas mais adiantados e professores, proporcionando um contato precoce com o conteúdo das disciplinas, as áreas de formação, os múltiplos autores e teorias, os temas de pesquisa etc. Essa articulação entre militância e formação em pesquisa marcou indelevelmente uma geração de estudantes que, do engajamento nos movimentos estudantis, passou ao trabalho junto aos movimentos populares e às comunidades. Marcos Vieira-Silva, então aluno do curso de Psicologia da UFMG, nos fala sobre a “formação científica comprometida” que

¹⁵ Entrevista com Eduardo Mourão Vasconcelos, 2005 (gravação disponível no Acervo Oral do Programa Clio-Psyché - UERJ).

¹⁶ No novo currículo do curso de Psicologia da UFMG, pela primeira vez se associou a questão comunitária à questão ecológica. A disciplina foi criada para atender a algumas das demandas feitas ao Setor: trabalhos em Saúde Pública, Saúde Mental e Desenvolvimento de Comunidades (MATA MACHADO, 1986b).

recebeu, acentuando haver aprendido, no Setor, que “fazer pesquisa é prazeroso, é gostoso; (...) que fazer pesquisa não é para constatar, é para transformar”¹⁷.

Certamente a presença de Lapassade (e da Análise Institucional), com suas propostas críticas – defesa da autogestão, ruptura dos especialismos, análise das relações de poder, valorização dos analisadores etc. – produziu uma marca singular no grupo do Setor. O percurso futuro de seus integrantes está frequentemente voltado à crítica das tendências intimistas e privatizantes das práticas *psi*, à desconstrução de verdades opressivas nos campos da saúde mental, educação, direito e cultura, às ações comunitárias, à vinculação da Psicologia com os movimentos sociais e as políticas públicas etc. Neste sentido, suas ricas memórias contribuem não apenas para a reconstrução de um momento histórico determinado, mas para a reinvenção de uma história para a Psicologia.

Referências Bibliográficas

- BARROS, R. D. B.; RODRIGUES, H. B. C. Socioanálise e práticas grupais no Brasil: um casamento de heterogêneos. *Revista Psicologia Clínica PUC/RJ*, v.15, n.1, 2003.
- BOMFIM, E. M. *Psicologia Social no Brasil*. Belo Horizonte: Edições do Campo Social, 2003.
- BOMFIM, E. M. et al. (orgs.) *Psicologia Social: memórias, saúde e trabalho*. São João del-Rei: UFSJ/ Programa de Pós-graduação da UFMG/Abrapso Regional Minas, 2004.
- CERTEAU, M. de *A invenção do cotidiano I. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- DE DECCA, E. – Ensaio sobre a memória anarquista: a história como ficção coletiva. *História Oral – Revista da ABHO*, n. 2, jun/1999.
- DUARTE, M.G.S.; FERNANDES, P.J.; RODRIGUES, H.B.C. “Os ‘psicanalistas argentinos’ no Rio de Janeiro: problematizando uma denominação”. Em: JACÓ-VILELA, A.M.; RODRIGUES, H.B.C.; CERREZZO, A.C.(orgs.) *Clio-Psyché hoje. Fazeres e dizeres psi na história do Brasil*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/Faperj, 2001.
- GARCIA, C. et al. (orgs.) *Análise Institucional: teoria e prática*. Revista de Cultura Vozes, v. LXVII, n.4, mai/73.
- LAPASSADE, G. *Les chevaux du diable*. Paris: J.P.Delarge, 1974.
- LAPASSADE, G.; LUZ, M. A. *O segredo da macumba*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.
- LEVI, G. “Usos da biografia”. Em FERREIRA, M.M. e AMADO, J. (orgs.) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- LOURAU, R. Jojo l’inventeur. *La Sainte Famille – Bulletin du Seminaire d’Analyse Institutionnelle de Paris VIII*, juin/1992.
- MATA MACHADO, M. N. Transversos do social e alquimias da prática em Psicossociologia. *Anais do I Encontro Mineiro de Psicologia Social*. Belo Horizonte: FAFICH/UFMG, 1986a
- MATA MACHADO, M. N. Sugestões para a disciplina de Psicologia Comunitária e Ecologia Humana. *Anais do I Encontro Mineiro de Psicologia Social*. Belo Horizonte: FAFICH/UFMG, 1986b.
- MATA MACHADO, M. N. “Homenagem a Romualdo Dâmaso”. Em BOMFIM, E. M. (org.) *Horizontes Psicossociais*. Belo Horizonte: Abrapso Regional Minas, 1997.
- MATA MACHADO, M. N. “Práticas pedagógicas da Psicossociologia nos anos 60 e 70”. Em: JACÓ-VILELA, A.M.; RODRIGUES, H.B.C.; CERREZZO, A.C.(orgs.) *Clio-Psyché hoje. Fazeres e dizeres psi na história do Brasil*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/Faperj, 2001.
- PORTELLI, A. – “Oral history as genre”. Em: *The battle of Valle Giulia: oral history and the art of dialogue*. Madison: University of Wisconsin Press, 1997.

¹⁷ Entrevista com Marcos Vieira-Silva, 2005 (gravação disponível no Acervo Oral do Programa Clio-Psyché - UERJ).

RODRIGUES, H.B. C. *No rastro dos “cavalos do diabo” – memória e história para uma reinvenção de percursos do paradigma do grupalismo-institucionalismo no Brasil*. Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia da USP: 2002.

RODRIGUES, H.B.C. Alucinando Portelli. Celebração do amor entre um historiador (oral) e seu leitor. *Mnemosine* v.1, n.1, jul/2005.

THOMPSON, P. *A voz do passado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

THOMSON, A.; FRISCH, M.; HAMILTON, P. “Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais”. Em: FERREIRA, M.M. e AMADO, J. (orgs.) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

Aline de Araújo Gonçalves da Cunha
Bolsista de Iniciação Científica - Pibic/UERJ

Lívia Borges Hoffmann Dorna
Bolsista de Iniciação Científica - Pibic/CNPq

Heliana de Barros Conde Rodrigues
Professora do Departamento de Psicologia Social e Institucional/UERJ
E-mail: helianaconde@uol.com.br